

## A catástrofe da sociedade de desempenho e o trabalho positivado como caminho para a morte

### The catastrophe of the performance society and positive work as a path to death

Renato Nunes Bittencourt

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ<sup>1</sup>

#### RESUMO

Inspirando-se pela obra de Byung-Chul Han e com o suporte valioso de outros renomados pensadores, visa-se abordar como a experiência do trabalho, na consolidação da Modernidade sob o crivo do regime capitalista cada vez mais alinhado com as tecnologias da informação, converte-se em uma estrutura gerencial de promoção da exaustão total do ser humano, cada vez mais sufocado pela impossibilidade de resistir aos imperativos do culto da performance.

#### PALAVRAS-CHAVE

Trabalho; tempo; disciplina; desempenho; cansaço

#### ABSTRACT

Inspired by the work of Byung-Chul Han and with the valuable support of other renowned thinkers, it aims to address how the experience of work, in the consolidation of Modernity under the sieve of the capitalist system increasingly aligned with information technologies, becomes a managerial structure to promote the total exhaustion of the human being, increasingly suffocated by the impossibility of resisting the imperatives of the cult of performance.

#### KEYWORDS

Work; time; discipline; performance; tiredness

---

<sup>1</sup> E-mail: [renatonunesbittencourt@gmail.com](mailto:renatonunesbittencourt@gmail.com), Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4492-5545>

## INTRODUÇÃO

Byung-Chul Han se consolida no cenário filosófico dessa conjuntura difícil em ser nomeada como um dos mais argutos intérpretes dos acontecimentos que impactam imediatamente a nossa conjuntura civilizacional. Sua capacidade de síntese conceitual e sua habilidade em se apropriar dos temas aflitivos de nossa época demonstram a importância do discurso filosófico para a compreensão de nosso colapso ontológico. Suas citações incisivas resumem com precisão nossa exaustão civilizacional para que quiçá possamos despertar para uma reformulação do modo de vida na Biosfera.

No presente texto abordaremos a relação intrínseca entre as reconfigurações da dinâmica do trabalho no regime neoliberal e as mudanças operacionais decorrentes da otimização das tecnologias da informação, gerando um sistema laboral capaz de manipular a percepção dos fatos de modo a se legitimar a própria dominação pessoal, como também a imersão mais e mais acabada do sujeito de desempenho no esgotamento de si, consequência não apenas da extenuação profissional mas também da incapacidade humana de se desconectar do fluxo informacional dromocrático, eliminando inclusive sua possibilidade de fruição do descanso e do sono: “O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão do desempenho” (HAN, 2015, p. 27).

## 1 A GLORIFICAÇÃO ARCAICA DO TRABALHO EXAUSTIVO

A experiência do trabalho na trajetória de nossa estruturação civilizacional sempre apresentou qualidades pejorativas. Em sociedades fundamentadas pelo espírito aristocrático-guerreiro somente a vida livre, isto é, desvinculada de qualquer obrigação ergonômica para a preservação pessoal, era considerada digna de ser vivida. Toda labuta representava inferioridade social, moral e mesmo espiritual. Trabalha-se para se purificar a alma humana de alguma culpa originária. Toda atividade de excelência humana somente se realiza através da boa vivência do tempo de ócio. Liberdade consiste em não trabalhar e em se delegar a outrem que se trabalhe para sustento material dos que se colocam para além das necessidades imperiosas do labor ordinário. No antigo mundo grego, a obra de Hesíodo é um ponto fora da curva, ao poetar que:

Graças ao trabalho, os homens são ricos em rebanhos e bens; / e pelo trabalho serás muito mais estimado pelos imortais, e pelos mortais, porque eles muito detestam os ociosos. / Trabalho não é vergonha, é o ócio que traz vergonha (HESÍODO, 2005, vs. 309-311).

O trabalho se configura como um processo sagrado de conexão entre o ser humano e a natureza divinizada que expressa a potência maravilhosa do numinoso. Hesíodo apresenta, cabe destacar, a dignidade do trabalho livre, operado pelo camponês, pelo artesão, pelo agricultor, pessoas que labutam em conformidade com suas próprias demandas econômicas, ainda que, obviamente, venham a satisfazer regularmente necessidades materiais de outrem com os frutos dos seus valorosos trabalhos comercializados. Trata-se de glorificação do trabalhador que se assenhora da própria existência ao inserir a sua rotina laboral no ciclo inexorável da natureza, um

trabalhador que é uma espécie de senhor de si mesmo perante os mortais e que deve submissão apenas aos deuses reguladores da potência dadivosa da natureza, submissão essa que garante a liberdade e a felicidade ao homem laborioso que se empenha. Não temos aqui o enaltecimento do trabalho escravo ou servil, fundamental para a preservação da vida patriarcal do antigo mundo grego e a história civilizacional ocidental subsequente. Para o propósito da nossa argumentação, foquemos em mais uma citação sapiencial de Hesíodo:

Nada deixes para amanhã ou depois de amanhã, / pois o homem negligente no trabalho não enche o celeiro/ nem aquele que o adia; a canseira ajuda o teu trabalho, /mas o homem que adia as coisas sempre luta com a ruína (HESÍODO, 2005, vs. 410- 413).

Ora, em uma sociedade que enaltece o ócio como a condição indispensável para a dedicação aos afazeres superiores do espírito, toda canseira laboral resultaria no embrutecimento da personalidade e sua equiparação com os animais selvagens. Hesíodo se contrapõe perante tal ideário e faz do reconhecimento moral da canseira um sinal da distinção humana perante a ordenação divina do cosmos. A canseira é resultante do esforço ergonômico exercido pelo trabalhador e o resultado será a prosperidade e o bem-estar existencial. Trata-se assim de uma recompensa pelo empreendimento exercido, abençoado pelos deuses: “Afortunado e feliz é aquele que, todas essas coisas / conhecendo, trabalha sem culpa perante os imortais, / consultando as aves e evitando transgredir as normas” (HESÍODO, 2005, vs. 826-828).

Ponto crucial a ser destacado reside no fato de que, não obstante todas as limitações técnicas e materiais do modo de vida do antigo homem grego, a intensidade do processo de trabalho não estava submetida aos princípios tecnocráticos próprios da era moderna e sua incessante busca científica por otimização de tempo e de recursos. No mundo antigo o trabalho do homem livre conectava-se a um calendário que interditava a dedicação contínua ao labor e assim sacralizava os intervalos entre o tempo da labuta e o tempo de celebração divina com as forças naturais.

## **2 MODERNIDADE, COMPRESSÃO DO TEMPO E CAPITALISMO**

Não é nosso intuito no presente artigo realizar um mapeamento da experiência do trabalho no decorrer das eras, analisando assim os seus pormenores. No entanto, para nosso escopo, é fundamental que saltemos para os primórdios da Modernidade e analisemos os seus parâmetros técnicos alinhados com a Matematização do mundo e sua inerente necessidade de maior precisão e aproveitamento do tempo e do espaço, mudança operacional que será muito bem aproveitada pelo capitalismo incipiente e sua ética do trabalho. Independentemente da pertinência axiológica da interpretação que Max Weber estabelece entre uma possível imbricação entre o protestantismo original e o espírito do capitalismo enquanto prática ascética, certamente o aspecto mais interessante dessa interpretação reside na compreensão de que o advento da Modernidade reformula a própria maneira como o ser humano lida com sua natureza e o cosmos. A apropriação técnica da natureza torna o homem um ator capaz de

transformar plenamente o mundo através do seu trabalho, circunstância que evidencia um razoável otimismo para com a nova era vigente. Ocorre, por conseguinte, uma emancipação do homem em relação ao ritmo cosmológico dos ciclos vitais, exigindo então a modificação dos seus hábitos instituídos. A vontade divina é indobrável perante as necessidades humanas imediatas e tudo ocorre conforme regramentos transcendentais inexoráveis. Somente a estrutura material da realidade pode ser modificada pelo engenho humano mediante a intervenção laboral na natureza. Conforme salienta Max Weber,

O puritano genuíno ia ao ponto de condenar até mesmo todo vestígio de cerimônias religiosas fúnebres e enterrava os seus sem canto nem música, só para não dar trela ao aparecimento da superstição, isto é, da confiança em efeitos salvíficos à maneira mágico-sacramental. Não havia nenhum meio mágico, melhor dizendo, meio nenhum que proporcionasse a graça divina a quem Deus houvesse decidido negá-la (WEBER, 2004, p. 96).

Se na moral católica a preguiça e a procrastinação são vituperadas como pecado por diminuírem a disposição caritativa do devoto em relação aos ritos litúrgicos fundamentais, na moral protestante e sua máscara capitalista-ascética preguiça e procrastinação são estigmatizadas como sinais de Graça Ausente e se caracterizam pragmaticamente pela diminuição da capacidade laboral do sujeito, sem dúvida uma falta capital contra a ordenação providencial do mundo.<sup>2</sup> Conforme argumenta Max Weber em sua peculiar interpretação,

A perda de tempo é, assim, o primeiro e em princípio o mais grave de todos os pecados. Nosso tempo de vida é infinitamente curto e precioso para “consolidar” a própria vocação. Perder tempo com sociabilidade, com “conversa mole”, com luxo, mesmo com o sono além do necessário à saúde – seis, no máximo oito horas – é absolutamente condenável em termos morais (WEBER, 2004, p. 143).

Veja-se aliás que a determinação moral acerca do tempo dispendido no sono restaurador é de no máximo 8 horas por dia, algo bastante distante das urgências espoliadoras do capitalismo tardio, conforme analisaremos mais adiante. Com efeito, torna-se cada vez mais rara a capacidade de se fruir convenientemente da experiência do sono sem a pressão opressiva do ritmo de trabalho. A supressão do sono é uma tortura instrumentalizada sobre o metabolismo humano.<sup>3</sup>

Na modernidade desencantada, a rentabilidade financeira se torna dominante e suprime toda consideração pela sacralidade do descanso e da não-intervenção humana na natureza em determinadas circunstâncias. A divisão do trabalho intensifica o

<sup>2</sup> “O Protestantismo, que era a religião cristã adaptada às novas necessidades industriais e comerciais da burguesia, preocupa-se menos com o descanso popular do que em destronar os santos no Céu para abolir suas festas na Terra” (LAFARGUE, 2003, nota 13, p. 91).

<sup>3</sup> “A negação do sono é uma desapropriação violenta do eu por forças externas, o estilhaçamento calculado de um indivíduo (CRARY, 2014, p. 16).

aproveitamento máximo do tempo de modo a não se perder esse bem preciosos com operações transitivas.<sup>4</sup> O homem livre que trabalhava e se cansava (mas que se sentia espiritualmente recompensado por seu esforço metabólico) cede lugar ao trabalhador assalariado que apenas formalmente é livre, mas que na prática é submetido ao regime do trabalho contínuo para que se torne viável aos olhos do empregador, e assim essa massa laboral não é apenas explorada como também imersa na dinâmica socioeconômica do cansaço vital. O modo de produção capitalista, alinhado ao desencantamento técnico da realidade e ao inerente processo de mudança de compreensão dos fenômenos naturais, utiliza-se das ciências empíricas para melhor administrar a força laboral em sua mediação com a estrutura material das coisas. A disciplina, a eficiência, o engajamento, a uniformidade e a supressão da individualidade humana se convertem nas virtudes fundamentais do trabalho massivo da modernidade gloriosa e triunfante em sua busca pelo progresso.<sup>5</sup> Contudo, o desenvolvimento material da sociedade capitalista era inversamente proporcional ao declínio vital do trabalhador, alienado, reificado, espoliado, desprovido das mínimas garantias legais, conquistadas heroicamente através das lutas proletárias contra os detentores dos meios de produção. Para as elites o prazer e o fausto, para as massas laborais, a dor, o cansaço e a pobreza.

A utopia liberal considera que o avanço tecnológico corrigiria as distorções estruturais do modo de produção capitalista. O uso das máquinas potencializaria a operacionalidade humana e diminuiria seus esforços metabólicos, esperança dourada de um futuro redentor. Todavia, a automação produtiva, controlada pelo empresariado que vislumbra ampliação constante das taxas de lucratividade, não se converte em ganho efetivo para os trabalhadores, ameaçados sempre pelo abismo do desemprego. E assim a massa laboral mergulha nas oportunidades mais degradantes que despontam no mercado de trabalho perpetuando-se em seu regime de autodestruição.

Mesmo as pequenas reformas estruturais disponibilizadas pelo modo de produção capitalista para ofertar uma alternativa viável ao avanço do comunismo e sua luta pela emancipação da classe trabalhadora ainda fazem do operário uma figura submetida ao processo mecânico de extenuação, ainda que porventura obtenha substantivos direitos trabalhistas e ampliação da faixa salarial. O alardeado bem-estar material prometido por esse capitalismo conciliatório apenas atenua os efeitos deletérios do ritmo desgastante do processo produtivo. O cansaço metabólico ocorre,

---

<sup>4</sup> “O grande aumento da quantidade de trabalho que, em consequência da divisão de trabalho, o mesmo número de pessoas é capaz de executar, deve-se a três diferentes circunstâncias: em primeiro lugar, ao aumento da destreza de cada trabalhador; em segundo lugar, à economia de tempo que normalmente se perdia ao passar de uma tarefa a outra; e, finalmente, à invenção, de grande número de máquinas que facilitam e abreviam o trabalho, permitindo que um homem faça o trabalho de muitos” (SMITH, 2013, p.11); “A divisão do trabalho tem por finalidade produzir mais e melhor, com o mesmo esforço. O operário que faz todos os dias a mesma peça e o chefe que trata constantemente dos mesmos negócios adquirem mais habilidade, mais segurança e mais precisão e, conseqüentemente, aumentam de rendimento. Cada mudança de ocupação ou de tarefas implica um esforço de adaptação que diminui a produção” (FAYOL, 2012, p. 44).

<sup>5</sup> “A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2010, p. 164).

mas é recompensado pelo poder de compra e pelo tempo livre, táticas compensatórias para ludibriar o trabalhador que se anestesia momentaneamente da intensidade desgastante da labuta cotidiana para melhor retornar ao serviço após o prazer do descanso. Conforme analisado por Adorno e Horkheimer (2006):

A diversão é o prolongamento do trabalho no capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo do trabalho (p. 113).

O trabalhador, dotado de maior poder de consumo, renuncia à revolução proletária em favor de uma carreira razoável estável que lhe garante conquistas materiais básicas, tudo isso até segunda ordem. Com efeito, o pacto providencial é rompido pela conjugação entre uma agressiva agenda ultraliberal, o autoritarismo político financiado por setores empresariais que não aceitam mais o grande acordo trabalhista e a inoculação das tecnologias de informação no cotidiano laboral. Antes o controle da produtividade era visual conforme o dispositivo panóptico; já na era do capitalismo cibernético exerce-se um domínio totalitário sobre a subjetividade do trabalhador, não apenas em seu ambiente profissional, mas mesmo em sua vida privada, sem qualquer possibilidade de desconexão das demandas gerenciais: “A falta de distância leva a que o privado e o público se misturem. A comunicação digital fornece essa exposição pornográfica da intimidade e da esfera privada” (HAN, 2018a, p. 13).

A carreira em Administração é uma das principais fontes da ideologia gerencialista que compreende a vida e o mundo por um viés instrumental, onde as coisas são boas conforme os critérios de utilidade imediatista. As estruturas corporativas visam apenas potencializar a eficácia desse mecanismo supressor da singularidade individual em nome da apologia do mercado competitivo, em uma aceleração constante rumo ao progresso econômico, progresso econômico sem progresso vital para as existências concretas envolvidas no processo. As mudanças epistêmicas nos cursos universitários de Administração não conseguem se contrapor ao gerencialismo tecnocrático, pois são apenas maquiagens para tornar mais suportável o regime de exploração laboral, convertendo em lucro o que no fundo é uma obrigação social do empreendedor, como ocorre usualmente no caso da apologia da responsabilidade social-empresarial, que mantém sob novas formas a velha estrutura predatória do capitalismo.

O imperativo de controle empresarial visa se apropriar de cada instante disponível do trabalhador, denominado eufemisticamente como “colaborador” pela retórica motivacional ultraliberal para melhor subjugar essa mão-de-obra. A confusão entre a dimensão profissional e a dimensão doméstica, graças ao monitoramento onipresente dos aplicativos e do poder absoluto das tecnologias de informação deixam o trabalhador em estado de mobilização permanente, tal como uma situação de guerra

continuada sem descanso nem relaxamento. Estado de Exceção do trabalho gerenciado tecnocraticamente. Diante de qualquer demanda apresentada pela empresa, o trabalhador deve responder imediatamente, em um ritmo acelerado de existência que embota sua percepção da realidade e fá-lo naturalizar essa submissão dromocrática. Com efeito, a ideologia gerencial enaltece a personalidade proativa que sempre está ao dispor e age de prontidão a qualquer instante e que assim aceita permanecer controlado digitalmente. Para Byung-Chul Han (2021a):

A coação do desempenho é destrutiva, fazendo com que autoafirmação e autodestruição sejam uma coisa só. As pessoas se otimizam para morrer. Autoesgotamento indiscriminado leva a um colapso mental. A luta brutal de concorrência atua de modo destrutivo. Ela produz uma frieza de sentimentos e uma indiferença diante dos outros que traz consigo uma frieza e indiferença perante si próprio (p. 19-20).

O trabalhador, sob o regime da lucratividade ultraliberal, torna-se cada vez mais desamparado juridicamente, profissionalmente precário, obrigado ao plano profissional da flexibilidade. “Mais empregos, menos direitos”, lema nu e cru dessa dinâmica agressiva que se impõe ao trabalhador solitário. Caberia apenas destacar que “mais empregos” não significam necessariamente “bons empregos”, ou seja, empregos decentes, empregos plenos. Afinal, pode-se perfeitamente eliminar um posto de trabalho dispendioso do ponto de vista salarial e substituí-lo por dez empregos juridicamente e financeiramente precários para quem, por necessidade, aceitar se submeter perante tal descalabro. O trabalhador, antes conectado pelos laços de solidariedade profissional, encontra-se sozinho, isolado, autocentrado, e tal solidão autoimposta é enaltizada pelo gerencialmente ultraliberal como uma virtude resiliente, pois se defende o ideário de ninguém é obrigado a se comprometer com ninguém. Configura-se assim o “empreendedor de si” individualista que é como uma mônada profissional, sem portas nem janelas para a alteridade: “O eu como empreendedor de si mesmo produz a si, performa a si mesmo, e oferece a si mesmo como mercadoria. A autenticidade é um ponto de venda” (HAN, 2022, p. 37-38).

Toda contingência que prejudica o sucesso do “empreendedor de si” é considerada falha desse sujeito de desempenho por sua pretensa incapacidade de se antecipar aos riscos, todo fracasso é sempre culpa exclusiva desse miserável-executivo pois não se engajou suficiente na luta pelo sucesso. Daí percebemos os prejuízos organizacionais advindos do charlatanismo coach que visa adestrar o profissional para o sucesso inoculando-lhe estímulos psicológicos de interiorização da responsabilidade. Conforme a crítica apresentada por Franco Berardi,

O discurso neoliberal é carregado de uma retórica do indivíduo, mas a prática do neoliberalismo acaba por destruir a liberdade individual. A competição e o conformismo são duas faces de uma mesma moeda na esfera do mercado. Os indivíduos de hoje já não perseguem projetos de vida autônomos. Em vez disso, eles são fragmentos de tempo

precarizado, fractais em recombinação incessante, unidades conectivas que devem interagir com perfeição, se quiserem ser eficientes sob o domínio da rentabilidade econômica (BERARDI, 2020, p. 193).

Ora, quem vive sozinho corre o risco de morrer sozinho, fato escamoteado pela doutrina ultraliberal. O adoecimento do trabalhador, mal remunerado, globalmente desprotegido, é a consequência imediata desse dispositivo, ousado dizer, necrófilo, pois não reconhece a dignidade da pessoa humana do trabalhador, mas antes o enxerga como uma coisa descartável, mero instrumento para proporcionar a manutenção do sistema capitalista, sempre em nome da apregoada liberdade criativa. O sofrimento existencial ao que se submete o trabalhador na lógica do desempenho positivado do capitalismo ultraliberal encurta até mesmo a vivência do sono, que não é mais experimentado de maneira saudável e libertadora em sua cada vez mais breve duração. Para Jonathan Crary,

A imensa parte de nossas vidas que passamos dormindo, libertos de um atoleiro de carências simuladas, subsiste como uma das grandes afrontas humanas à voracidade do capitalismo contemporâneo. O sono é uma interrupção sem concessões no roubo de nosso tempo pelo capitalismo (CRARY, 2014, p. 20).

Dormir 6 horas por dia é um luxo indisponível para a grande maioria da massa laboral. Preguiça é o pecado mortal por excelência na moral ultraliberal, e para quem não consegue se manter constantemente ativo o recurso aos estimulantes é a solução para que se possa perseverar na labuta. A medicalização é contínua para que se possa fortalecer a capacidade laboral e para que se cure o organismo do excesso de atividade profissional, em um ciclo vicioso. O culto da performance que se caracteriza pela negação radical de toda impotência exige que os aditivos tonifiquem a capacidade orgânica do sujeito de desempenho: “A sociedade de desempenho se desenvolve, a partir de sua lógica interna, na sociedade do doping. A vida reduzida à função vital desnuda é uma vida que deve ser mantida sadia a todo custo” (HAN, 2017b, p. 268).

O grande ideal para a rentabilidade ultraliberal residiria na capacidade antinatural do trabalhador dormir com um olho aberto para que pudesse continuar suas operações de maneira contínua sem prejudicar a santa produção. Nos tempos passados o escapismo mental do indivíduo consistia em sonhar com súcubos ou incubos para extravasar sua libido reprimida. Na dinâmica frenética da positividade produtivista o horror da degradação moral da experiência do sono reside em se sonhar que se está enredado nas minúcias do trabalho estressante. Entre vigília e sonho não há mais um hiato salutar. A mentalidade do trabalhador torna-se tão paranoica que se normaliza psicologicamente a devoção profissional ao serviço em um tipo de sonho que aprisiona a alma em uma crosta de ferro. Considera-se que quem dorme vive na ilusão e quem está acordado está desperto para a verdade plena. Uma transformação do modo de vida para um porvir substantivamente sustentável exige a inversão dessa ideia. Muitas ideias maravilhosas surgem durante as experiências oníricas e qualquer pessoa com razoável capacidade perceptiva consegue aproveitar dessas vivências para o exercício das suas obras criativas, vide artistas dos mais diversos naipes. A sociedade



administrada suprime nossa capacidade de sonhar e uma reconquista da existência passa inicialmente pela fruição do sono e do sonho. O engessamento mental produzido pela racionalidade instrumental diminui nossa capacidade de vivenciar experiências premonitórias que estão para além da logicidade formal da vida prosaica. Preenche-se a mente com tantas informações heteróclitas que ocorre um processo degradante de diminuição da capacidade seletiva de hierarquizar conceitos e ideias, gerando-se um estado de excitação mental que prejudica o conveniente relaxamento psíquico. Em qualquer oportunidade a pessoa sôfrega por informações visualiza os aplicativos para que não se sinta desatualizada em relação aos fatos mundanos, prejudicando a salutar capacidade momentânea de desconexão. Dormir despreocupadamente seria um ato de libertação vital para além das pressões normativas do princípio de desempenho. Não é talvez um procedimento revolucionário, mas ao menos uma chave para uma reconquista de si mesmo.

Byung-Chul Han dedica fartas análises acerca desse novo estágio do gerencialismo socioeconômico do capitalismo, denominando-o como “Sociedade do Cansaço”. Já citamos anteriormente a ideia da canseira, divinizada por Hesíodo nas priscas eras do glorioso mundo grego. Na conjuntura doentia de nossa Modernidade, o cansaço vital do trabalhador sequer é recompensado. Trabalha-se demais, sofre-se em todas as esferas da vida sem nem mesmo haver a possibilidade da compensação metabólica. Mergulha no trabalho contínuo até o esgotamento total do organismo: Byung-Chul Han vai além e compreende o cansaço como uma categoria ontológica, que envolve a desvitalização completa do ser humano em consequência de um projeto socioeconômico que, em nome do controle de todo tipo de contingência improdutiva, exige a entrega holística do ser humano na atividade laboral, resultando na sua dissolução interior, pois não há espaço para a contemplação, para o silenciamento e para a meditação sobre si mesmo: “Perdemos há muito tempo o tempo da festa. O fim do expediente como véspera do dia festivo não é inteiramente estranho. Trazemos o tempo do trabalho não apenas nas férias, mas também no sono” (HAN, 2021c, p. 33).

O repouso não é capaz de revitalizar o organismo empobrecido. O cansaço é perene e afeta a estrutura orgânica até a medula da personalidade humana, fazendo do sujeito em tal estado extenuante alguém permanentemente desvitalizada e permanentemente curvada perante as ordens gerenciais. Temos assim um ser humano desprovido de substancialidade, um mero corpo morto-vivo, um verdadeiro morto em vida, um corpo-zumbi. Não é apenas um cansaço metabólico que pode ser atenuado com um razoável repouso, mas um cansaço ontológico que jamais é superado. A função unidimensional do homem consiste em trabalhar para produzir em nome de um sistema autofágico que é alheio ao próprio caráter singular do homem: “O excesso de elevação do desempenho leva a um enfarto da alma. O cansaço da sociedade de desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (HAN, 2015, p. 71).

O ansiado tempo livre, quando concedido, não permite a desconexão com os imperativos laborais, pois o trabalhador permanece em estado de vigília, pronto para atender aos mandamentos dos seus superiores hierárquicos. O controle informacional é ubíquo e impede qualquer escapatória. Nem mesmo o luto do trabalhador em

licença-nojo é respeitado. Tanto pior, a esperança conformista de se poder gozar um pouco da miríade de bens de consumo no mercado se torna cada vez mais escassa em decorrência do inflacionamento dos preços. O custo de vida, terrivelmente elevado, é assim um outro golpe mortal sobre as pretensões prazenteiras do trabalhador espoliado em todas as frentes de batalha. A carestia exige a eliminação do supérfluo e a aplicação do exercício econômico da frugalidade. No entanto, mesmo os gêneros extremamente necessários para a subsistência do trabalhador não estão disponíveis em seu parco poder de compra. Trabalha-se então nem mesmo para sobreviver, mas para se subnutrir. Esse aspecto material, demasiado material da dinâmica do trabalho na hegemonia da agenda ultraliberal é um dos fatores indissociáveis da consolidação da Sociedade do Cansaço. O trabalhador sofre assim não apenas com o desgaste metabólico de uma rotina de trabalho asfíxiante, mas também com a pobreza nutritiva, com a degradação dos serviços públicos basilares, com as ameaças externas da insegurança pública que atentam contra as suas parcas posses conquistadas com seus hercúleos esforços laborais insuficientemente recompensados. Para Byung-Chul Han (2022):

Exploramo-nos livremente na ilusão de que nos realizamos. Não a repressão da liberdade, mas a sua exploração maximiza a produtividade e eficiência. Essa é a lógica perversa fundamental do neoliberalismo (p. 31).

O colapso vital do trabalhador é a consequência inevitável da sua adesão incondicional ao sistema do labor absoluto. Cabe destacar que quanto maior é o grau de adoecimento do trabalhador mais poderosa é a empresa na qual a pessoa deposita a cada dia fragmentos de sua vitalidade instrumentalizada. A velocidade incondicional da atuação se torna o parâmetro da boa atuação do sujeito de desempenho imerso no ritmo de esgotamento pessoal, pois o sistema gerencial não permite qualquer contingência que prejudique o bom andamento da lógica rentável que tanto agrada aos executivos e acionistas, regidos apenas pelo cálculo narcísico-egoísta do lucro: “O sujeito do desempenho neoliberal é um servo absoluto na medida em que, sem os senhores, explora-se voluntariamente” (HAN, 2021b, 77).

Exige-se respostas rápidas e gestos acelerados que sinalizam a interiorização do controle moral do trabalho que subtrai a vitalidade subjetiva daquele que está enredado no capitalismo tecnocrático, daí a importância disciplinar dos aplicativos que impõem aos indivíduos a checagem constante de informações-diretrizes. Tudo é regido pela urgência, palavra que ao ser ouvida ou lida produz agitação no receptor. Chega-se ao cúmulo de se consumir alimentos de maneira extremamente veloz para que não se perca tempo produtivo, para maior desgaste orgânico do trabalhador: “O processo do Capital e da produção acelera-se ao infinito pelo fato de eliminar a teleologia do bem viver” (HAN, 2017a, p. 44). Toda reflexão, todo exercício contemplativo, todo processo deliberativo, ações que demandam uma experimentação singularizada da temporalidade, são vilipendiadas pelo dispositivo gerencial.

A ação produtiva deve ser a mais automatizada possível para que se retire a periculosidade do pensamento crítico que aborda e analisa todos os fatos, em especial aqueles que são prejudiciais para a perpetuação da própria forma de vida do homem

produtivo, homem regido pela positividade, homem sem direito ao não, homem sem direito ao sofrer, homem sem direito ao querer, homem desprovido de qualidades, homem em direção ao nada. Eis assim os fundamentos para uma civilização do Burnout. O esgotamento profissional é a degradação completa do sujeito de desempenho, incapaz de estabelecer uma força contrária ao processo de despersonalização existencial que lhe subjuga. De tanto se investir integralmente na labuta a pessoa perde a sua conexão existencial com a realidade e não consegue assim se libertar do sufocamento moral que o ritmo produtivo gera em seu ânimo. O sujeito de desempenho não apenas trabalha para si, mas para o sucesso incondicional da organização, assumindo encargos que não são seus, sempre em nome da causa maior que norteia a sua existência:

O sujeito de desempenho é incapaz de chegar a uma conclusão. Ele se desperdiça sob a coação de sempre ter de produzir mais desempenho. Precisamente essa incapacidade de chegar a uma conclusão e de encerrar conduz ao Burnout (HAN, 2021c, p. 30).

Reconhecimento profissional ou aumento salarial não resolvem o mal-estar da Síndrome de Burnout, apenas atenuam o impacto destrutivo da incapacidade pessoal em se desconectar psicologicamente do seu ofício usual até que ocorra o seu iminente colapso vital e aí então os dissabores se manifestam em sua existência como uma avalanche de escórias, já que a autocentrada estrutura parasitária estabelecida em torno desse sôfrego sujeito de desempenho é naturalmente incapaz de compreender e auscultar a narrativa de sofrimento de alguém.

Sem ousar invadir as fronteiras epistêmicas e terapêuticas da Psicologia e da Psiquiatria, uma metodologia filosófica que atua como contraponto aos dispositivos gerenciais que inevitavelmente conduzem ao Burnout do sujeito de desempenho se dá pela recusa a se deixar dominar pelo ritmo dromocrático da produtividade; aceitar sem qualquer culpabilidade a procrastinação e a preguiça pois muitas pretensas demandas laborais não são efetivamente relevantes; tonificar a existência com a fruição do prazer pois constantemente adiamos a satisfação libidinal em favor da realização performática do bom desempenho operacional; vivenciar o tempo da dor e do luto quando as circunstâncias fatuais exigirem e aceitar os estados melancólicos quando estes despontam no ânimo (não como forma de glorificá-los como marcas heroicas de uma personalidade afetada pelo sofrimento mas como sinais de que é imprescindível modificar a forma de vida); fechar os ouvidos para as admoestações dos interlocutores vampirescos que somente orbitam em torno de nós quando somos personas sempre disponíveis para atendê-los e fechar os olhos para os estímulos da Infocracia Gerencial e suas metas e dados alheios ao bem-viver do ser humano. Desacelerar o metabolismo produtivo, desacelerar as respostas mentais aos problemas organizacionais, para que assim se possa vivenciar a intensidade da interioridade: “Também o pensamento carece de um silêncio. É preciso fechar os olhos” (HAN, 2021c, p. 29-30).

A positividade laboral é uma negação de si mesmo em prol do sucesso da empresa, ou seja, a aplicação do imperativo da positividade resulta sem nossa própria extenuação vital. A negatividade existencial, ao negar as condições autoimpostas que

resultam em nosso sofrimento psíquico, acabam por afirmar nossa própria temporalidade vital. É mister que se ouse viver lentamente, de corpo e de alma, para que nossa disposição contemplativa prevaleça sobre as determinações impulsivas da ação direta, sempre heterônoma. A reflexão filosófica não apresenta soluções imediatas para os problemas, mas esclarece-nos como podemos alterar nosso modo de vivenciar e compreender a realidade. Temos aqui então algumas linhas de uma espécie de moralidade provisória-prática enquanto o capitalismo ultraliberal e mesmo vertentes mais mitigadas de seu *modus operandi* dominador não são fencidas e superadas por uma agenda econômica, política e axiológica que se pautem pela realização de uma democracia emancipatória que reestruture não apenas as bases materiais da sociedade, mas acima de tudo dissipe as suas camadas ideológicas que promovem a permanência das condições precárias do existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos sob a ameaça do colapso total das formas de vida na Biosfera. As conquistas da Modernidade operacionalizam não apenas o progresso material da humanidade, mas também as condições para seu aniquilamento. Todavia, não visamos o retorno saudoso ao passado onde existiam mais árvores, mas morríamos de doenças felizmente curáveis hoje graças ao avanço dos conhecimentos médicos, biológicos e químicos. A tecnologia está aí e cabe apenas que a utilizemos para promover melhor a qualidade intensiva da vida, que não pode ser mensurada adequadamente por critérios estatísticos. Somente através da supressão do modelo produtivista-acelerado que vigora na lógica do Capital conseguiremos uma alternativa viável para a reapropriação da existência para além dos seus ditames engessados. Ao apresentar a complexidade técnica e ideológica da autofágica sociedade de desempenho, Byung-Chul Han contribui de maneira formidável para um entendimento crítico de nosso sintoma de adoecimento civilizacional para que uma mudança de paradigmas venha a ocorrer. Por conseguinte, apesar do pessimismo imediato que nos envolve, é justamente a constatação do que existe de péssimo hoje que talvez favoreça uma mudança vital de nosso modo de ser.

49

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BERARDI, Franco. *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. Trad. De Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.
- CRARY, Jonathan. *24/7 – Capitalismo Tardio e os fins do sono*. Trad. de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: COSAC NAIFY, 2014.
- FAYOL, Henri. *Administração Industrial e Geral*. Trad. de Irene de Bojano e Mário de Souza. São Paulo: Atlas, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2010.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017a.
- \_\_\_\_\_. *A expulsão do Outro: sociedade, percepção e comunicação hoje*. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2022.
- \_\_\_\_\_. *Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas*. Trad. de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021a.

\_\_\_\_\_. *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. Trad. de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021b.

\_\_\_\_\_. *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo*. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021c.

\_\_\_\_\_. *No Enxame: perspectivas do digital*. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018a.

\_\_\_\_\_. *Psicopolítica: O Neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Trad. de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018b.

\_\_\_\_\_. *Sociedade do Cansaço*. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. *Topologia da Violência*. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017b.

HESÍODO. *Teogonia / Trabalhos e Dias*. Trad. de Ana Elias Pinheiro e José Ribeiro Ferreira. Lisboa: INCM, 2005.

LAFARGUE, Paul. *O Direito à Preguiça*. Trad. de Otto Lamy de Correa. São Paulo: Claridade, 2003.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. Trad. de Alexandre Amaral Rodrigues; Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Submetido: 7 de junho de 2023

Aceito: 7 de julho de 2023